

O CARÁTER VARIÁVEL DA REGRA DE CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Denilda Moura*

Resumo

Segundo a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) na língua padrão do Português do Brasil - PB, a concordância verbal é estabelecida entre o sujeito e o verbo. Em nosso estudo sobre o fenômeno da concordância verbal em narrativas infantis, nós encontramos evidências de que, nesse caso, nós temos um fenômeno variável, como foi mostrado em trabalhos anteriores sobre o português falado no Brasil (Naro, 1981; Scherre & Naro, 1991; Scherre & Naro, 1993; Naro & Scherre, 1996; e outros). Para essa análise, nós distinguimos três casos para mostrar o uso da concordância sujeito-verbo: a) o tipo de sujeito afetando o uso da concordância verbal; b) a inversão verbo-sujeito como um fator que tem influência na falta de concordância; c) a distância e a posição do sujeito com relação ao verbo. A partir dos resultados obtidos, procuramos mostrar que a produção das crianças na escrita reflete o caráter variável da regra de concordância verbal no PB.

Palavras-chave: língua escrita; concordância verbal; variação

Abstract

According to the order Subject-Verb-Object (SVO) in the standard language of Brazilian Portuguese, agreement occurs between the subject and the verb. In our study of concord phenomenon in the writing of children's narratives, we found evidence that we have, in this case, a variable phenomenon, as has been shown in previous studies on spoken Brazilian Portuguese (Naro, 1981; Scherre & Naro, 1991; Scherre & Naro, 1993; Naro & Scherre, 1996; and others). For the purpose of this analysis, we distinguish three cases

to show the use of subject-verb agreement: a) the type of subject affecting the use of verbal agreement; b) the inversion verb-subject as a factor that has an influence to the lack of agreement; c) the distance and the position of subject with respect to the verb. Starting from results obtained, we will try that the writing of children's narratives reflects the variable phenomenon of subject-verb agreement in PB.

Key words: written language; verbal agreement; variation.

1 A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PB

Segundo a ordem sujeito-verbo-objeto (SVO) na gramática do português, a concordância verbal é estabelecida entre o sujeito e o verbo.

Para Cunha (1970: 339), “o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido”. Para ele, ainda, a ordem SVO “é a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos ...” (Idem, p. 450).

Nessa perspectiva, de acordo com a ordem preferentemente adotada, temos o sujeito como o elemento básico da concordância verbal.

Bittencourt (1980), com base na teoria gerativo-transformacional, tal como exposta em Chomsky (1965), parte do pressuposto de que o sujeito é, na estrutura profunda, o primeiro SN da oração. Essa posição é definida numa estrutura de base do tipo: S → SN SV. Para ela, ainda, a regra de posposição do sujeito é opcional e pós cíclica.¹

Em sua análise, ela considera o tipo de verbo (transitivo, intransitivo, de ligação), em frases declarativas simples, com uma curva entonacional normal. Tendo como ob-

* Professora da Universidade Federal de Alagoas. Doutora em Lingüística.

¹ Considerar a regra de posposição do sujeito como uma regra pós-cíclica significa dizer que ela ocorre depois da regra de Concordância Verbal. Apesar de essa afirmação não ser pertinente para a nossa análise, consideramos que ela ratifica, não apenas a ordem sujeito-verbo, mas também a sua aplicação, ou seja, a concordância verbo-sujeito. Por outro lado, cumpre destacar que de acordo com a proposta, se o movimento é pós-cíclico, deveríamos esperar esses elementos no final da sentença, no entanto, como podemos verificar nos exemplos de PS em estruturas com verbo transitivo, temos casos de VSO ou V2.

jeto de análise as condições sintáticas da posposição do sujeito em português, ela afirma que “a regra de posposição do sujeito em português aplica-se, opcional e pós-ciclicamente, a estruturas contendo verbo intransitivo ou de ligação, deslocando o SN sujeito para depois do Sintagma Predicativo” (cf. p. 83).²

Citaremos alguns exemplos por ela apresentados para ilustrar os tipos de verbo utilizados em sua análise. A numeração dos seus exemplos aparecerá entre parênteses, após a numeração que adotaremos. A fim de facilitar a identificação dos tipos de verbo, utilizaremos a mesma ordem por ela utilizada para a apresentação das estruturas.

1.1 Ambiente sintático em que se processa a posposição do sujeito (PS)

1.1.1 PS em estrutura com verbo intransitivo

- (1) a - O professor de História chegou (2 a)
b - Chegou o professor de História (2 b)
- (2) a - Um balde d'água caiu na minha cabeça (3 a)
b - Caiu um balde d'água na minha cabeça (3 b)
- (3) a - Um ladrão entrou no meu quarto (4 a)
b - Entrou um ladrão no meu quarto (4 b)

Em sua análise os verbos intransitivos não impõem nenhuma restrição à regra de posposição do sujeito. Para ela, ainda, alguns verbos intransitivos que aparecem com um SN representado por um nome próprio ou um pronome pessoal, podem provocar interpretação estranha, no entanto essa estranheza pode estar relacionada a um outro fator - desempenho, por exemplo, ou de natureza semântica. E, ainda, se houver bloqueio, ele será efetuado em nível superficial.

1.1.2 PS em estruturas com verbo transitivo

- (4) a - Os garotos comeram o bolo de chocolate (13 a)
b - * Comeram os garotos o bolo de chocolate (13 b)
- (5) a - Os torcedores beberam toda a cerveja (14 a)
b - * Beberam os torcedores toda a cerveja (14 b)
- (6) a - O jardineiro de minha sogra cuidou de minhas plantas (18 a)
b - * Cuidou o jardineiro de minha sogra de minhas plantas (18 b)

Segundo a autora, “a agramaticalidade das sentenças (b) parece constituir evidência de que o verbo transitivo bloqueia a aplicação de PS”. Para ela, ainda, o mesmo bloqueio ocorre em estruturas com verbo transitivo cujo objeto não aparece especificado na estrutura superficial, como nos exemplos abaixo.

- (7) a - Os garotos já comeram (19 a)
b - * Já comeram os garotos (19 b)

- (8) a - Os torcedores beberam (20 a)
b - * Beberam os torcedores (20 b)

1.1.3 PS em estruturas com verbo de ligação

- (9) a - A cozinha da fazenda era enorme (28 a)
b - Era enorme a cozinha da fazenda (28 b)
- (10) a - O seu vestido de casamento está pronto (29 a)
b - Está pronto o seu vestido de casamento (29 b)
- (11) a - Alguns dos grevistas mais animados tornaram-se covardes (30 a)
b - Tornaram-se covardes alguns dos grevistas mais animados (30 b)

Para a autora, a ocorrência de sentenças desse tipo revelam que a regra de posposição do sujeito pode-se aplicar a estruturas contendo verbo de ligação. Outros exemplos por ela apresentados, em que ao verbo de ligação se segue Predicativo constituído de Sintagma Nominal (diferentes dos exemplos acima, em que Predicativo se constitui de Sintagma Adjetivo) são mais um argumento a favor da regra de posposição do sujeito com verbos de ligação.

Saraiva e Bittencourt (1990) analisam a Concordância Verbal em Estruturas com um SN complexo no Português como um Caso de Interferência de Fatores Metonímicos e Metafóricos, utilizando em sua análise “um *corpus* constituído de dados de língua oral e de língua escrita. Os de língua oral resultam tanto de entrevistas informais gravadas quanto de coletas espontâneas, feitas no momento em que os exemplos eram enunciados. Os de língua escrita foram colhidos de redações e trabalhos de alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras de Minas Gerais” (cf. p. 94).

As autoras, realizando um exame crítico da regra postulada por Decat (1983), segundo a qual a concordância verbal no português é controlada pelo SN tópico da oração, apresentam uma taxonomia dos sintagmas nominais complexos ocorrentes no *corpus*, com base em sua constituição formal, e, a partir dos dados examinados, propõem uma ampliação da regra propugnada por Decat (1983).

É “da perspectiva do discurso que Decat (1983) reexamina a regra de concordância verbal (CV) no português. Partindo de um *corpus* de dados de língua oral e de língua escrita (colhidos estes em redações de alunos de 1º., 2º. e 3º. graus), conclui a referida autora que o processo de concordância verbal no português é muito mais bem descrito levando-se em conta a relação tópico/comentário, ao invés da relação sujeito/verbo, conforme tem sido defendido até então pela tradição gramatical” (cf. p.94).

“Atentando especificamente para (...) orações com SN complexo, coletados tanto da língua oral (que passaremos a indicar por L O) quanto na língua escrita (identificada

² Cumpre destacar que, na época, movimento à direita era lícito.

como L E) procuraremos agrupá-las de um modo mais sistemático, a partir dos seguintes parâmetros: configuração formal do SN complexo; classe de palavra que figura como núcleo desse SN. Com isso, estaremos mostrando uma gama maior de possibilidades de construções com SN complexo, atestadas na língua portuguesa contemporânea (oral e escrita), algumas das quais desconsideradas pela tradição gramatical” (cf. p. 100).

Apresentaremos a seguir exemplos analisados pelas autoras, e, para efeito de ilustração, selecionamos em cada um dos grupos propostos apenas dois exemplos, um de língua oral e outro de língua escrita. Dando prosseguimento à ordem numérica do nosso texto, indicaremos entre parênteses, no final de cada exemplo, a numeração dada pelas autoras.

Grupo I - Estruturas contendo SN complexo cujo núcleo substantivo (concreto ou abstrato) no singular tem como complemento um SN no plural.

(12) Neste supermercado a venda de bebidas alcançaram mais de Cz\$ 100.000,00 (L O) (27)

(13) A ordem linear destas palavras nunca poderiam ser colocadas de outra maneira na frase. (L E) (29)

Grupo II - Estruturas contendo um pronome relativo sujeito que tem como antecedente um SN complexo cujo núcleo, substantivo (concreto ou abstrato) de número singular, tem como complemento um SN no plural.

(14) O cara falou da relação entre as pessoas que são muito difíceis de manter (LO) (31)

(15) Essa carga adicional de informações, que vêm como que “grudadas” a uma determinada situação (...) (L E) (33)

Grupo III - Estruturas com SN complexo cujo núcleo, coletivo (partitivo ou não) tem como complemento um SN plural.

(16) Esse monte de besteiras não vão me pegar nunca mais. (L O) (35)

(17) O grupo de orações adverbiais não entram nesta classificação. (L E) (37)

Grupo IV - Estruturas com SN complexo cujo núcleo, constituído de pronome indefinido ou termo equivalente, de número singular, tem como complemento um SN no plural.

(18) Daqui a pouco um deles morrem. (L O) (39)

(19) Tudo deles acabam dando errado. (L E) (42)

Segundo a análise das autoras, em todos os exemplos analisados, o elemento que comanda a concordância verbal não é o núcleo do SN complexo, mas sim o sintagma nominal que vem posicionado imediatamente antes do verbo. Isso se torna ainda mais evidente naqueles tipos de construção que portam mais de um encaixe de sintagma preposicionado, como se dá em:

(20) Geralmente o fenômeno da especificação da matriz semântica dos elementos anafóricos não são levados em consideração (L E) (43)

ou, então, nas estruturas em que o SN complexo tem como complemento um SN oracional:

(21) A preocupação em introduzir os participantes são feitas num momento certo. (L O) (44b)

A partir do exame desses dados, as autoras concluem que a hipótese de descrição do processo da concordância verbal nos moldes propostos por Decat deixaria de lado estruturas como as que acabaram de examinar, cujo índice de ocorrência, conforme disseram, é muito alto no português atual. E acrescentam que “em tais estruturas, não é o tópico por inteiro que determina a CV, mas um de seus membros integrantes. E ainda que o SN desencadeador do processo faça parte de um tópico de âmbito mais amplo, há uma regularidade em todos os casos aqui considerados que deve ser captada por uma análise preocupada com a descrição dos fatos reais do português: a de que não é esse tópico de configuração formal complexa que controla a concordância, mas um de seus componentes” (cf. pp. 101-102).

E, a partir da análise realizada, as autoras postulam, para o português “uma regra que prediz o seguinte: no discurso oral e escrito o SN anteposto, linearmente mais próximo ao verbo, independentemente de seu nível hierárquico, é o candidato mais provável a comandar o processo de concordância verbal”. E estabelecem uma outra generalização: “ainda que se verifiquem casos de concordância com um SN mais proximamente anteposto ao verbo, SN este no singular, o plural prevalece” (cf. p. 103).

As autoras, enveredando pelos caminhos da metáfora e da metonímia como possíveis explicações para as estruturas analisadas, afirmam que “é possível detectar no processo de concordância como o aqui descrito a interferência de fatores de caráter metonímico e metafórico. O relevo dado à parte (o SN mais próximo) em detrimento do todo configuraria um mecanismo de natureza metonímica; a força da proximidade estaria associada à metáfora, se entendemos que ‘o princípio da motivação icônica representa uma instanciação da metáfora’” (cf. p. 111)

A breve apresentação da análise de Saraiva & Bittencourt possibilita a verificação da regra de Concordância Verbal, em especial os casos de inversão do verbo-sujeito, segundo os tipos de verbo examinados. Mais adiante retornaremos aos dados dessa análise, tendo em vista sobretudo que os dados por elas analisados referem-se à língua falada e à língua escrita.

Na perspectiva da Teoria da Variação, diversos estudos têm sido realizados sobre a Concordância Verbal, em especial sobre a língua falada. Apresentaremos de forma resumida a análise de Scherre & Naro (1993) - Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no Português Popular do Brasil.

Com base no paralelismo formal, que designa a tendência de formas semelhantes co-ocorrerem no uso linguístico real, Scherre & Naro (1993) apresentam evidências de que há correlação entre o tipo de marca existente no sujeito, o sintagma controlador da concordância, e o tipo de

marca existente no verbo (Guy, 1981, apud Scherre & Naro, 1993: 4). Os autores mostram que o paralelismo formal desempenha papel central no uso das marcas lingüísticas, nos fenômenos de concordância, tanto no nível clausal, quanto no nível discursivo.

Apresentaremos, de forma resumida, a análise dos autores, com base nos dados provenientes do banco de dados do programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL), da UFRJ.

Os autores analisam o paralelismo formal no nível clausal a partir das marcas do sujeito, e no nível discursivo a partir das marcas do verbo. Para efeito de ilustração, utilizaremos o mesmo esquema organizacional por eles utilizado.

2 O PARALELISMO FORMAL

2.1 Nível clausal: marcas do sujeito

“Partindo do princípio de que formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas, esperamos que um sujeito com marcas explícitas de plural influencie a presença de marcas explícitas no verbo. Inversamente, esperamos que um sujeito com marca zero de plural se correlacionará a um verbo com marca zero de plural. É importante que só estamos trabalhando com construções que tenham um sujeito formalmente plural. Sendo assim, todos os sujeitos devem ter uma marca formal de plural, exceto os casos de numeral ou de marcas neutralizadas que foram devidamente controlados” (pp. 4-5).

Fatores e Exemplos

- 1) Presença da forma de plural explícita (-S) no último elemento não inserido em um sintagma preposicional (sprep)
... que eles falam, aí ...
... os professores es não perceberam isso
- 2) Presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um sintagma preposicional (sprep)
... as professora Ø, né?, eram muito rigorosa ...
... as criança Ø aqui em casa, por exemplo, tão muito ...
... tem umas pessoa Ø que gosta Ø de ...
- 3) Presença da forma de plural explícita (-S) no último elemento inserido em um sintagma preposicional (sprep)
... meus filhos abaixo de quinze anos num pagavam ...
- 4) Presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um sintagma preposicional (sprep)
... as palavras dos padre Ø era Ø igual à palavra do pastor ...
... os cara da rua fica Ø: O’ Gretchen
- 5) Presença de numeral no último elemento
... os dois trabalham ...
... tem duas que estuda Ø ...
... todos dois são universitários ...
- 6) Presença de neutralização no último elemento
... elas já começam desde cedo ...
... meus irmãos são legal ...

Os autores analisam os resultados apresentados numa tabela, e afirmam “podemos verificar que, se o último elemento flexional do SN sujeito apresentar uma marca explícita de plural, o verbo correspondente tende também a exibir marca explícita de plural (0,56 e 0,61) e, se o último elemento do sujeito apresentar um zero plural, o verbo correspondente tende também a exibir um zero plural (0,17 e 0,24), independentemente de este elemento ser o núcleo do sujeito (cf. Saraiva e Bittencourt, 1990). Se o último elemento do sujeito for um numeral, que não tem marca formal de plural depreensível, a concordância fica, relativamente aos casos anteriores, numa faixa intermediária. Os sujeitos que têm a última marca neutralizada apresentam, por sua vez, comportamento estatístico semelhante (0,58) aos casos que apresentam a marca de plural explícita (0,56 e 0,61)” (cf. p.8).

2.2 Nível discursivo: marcas no verbo

Os autores afirmam que a variável apresentada em (1.1) tem a sua influência no nível da cláusula, enquanto a que vai ser apresentada mostra uma forte influência do que tem sido denominado de paralelismo formal no nível do discurso (cf. Omena, 1978; Weiner & Labov, s/d, apud Scherre & Naro, 1993: 8). Para trabalhar com essa variável, os autores separam, por um lado, todas as construções seriadas e, por outro, todas as construções isoladas. Para definir se uma construção estava ou não em uma série, foram estabelecidos dois critérios: (1) a construção analisada deveria ter o sujeito com a mesma referência que o sujeito da construção anterior e (2) não deveria estar separada da construção anterior por mais de dez cláusulas e nem pelo discurso do interlocutor.

Fatores e Exemplos

- 1) verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita no discurso do falante ou do interlocutor;
- 2) verbo precedido de verbo com marca zero de plural no discurso do falante ou do interlocutor;
- 3) verbo isolado ou primeiro de uma série.

Nos exemplos a seguir eles colocaram à direita de cada exemplo o número que o correlaciona à numeração dos três fatores considerados relevantes para a análise.

Texto 1

... e parece que os professores não perceberam(3) isso (...) Um pulítico que manda aqui na área, tirou o diretô do culégio pra colocá uma pessoa indicada pur ele pra fazê pulítica den+do colégio, uma puliticage, E os alunos num aceitaram(3) isso. Nós organizamos uma passiata, um... uma greve, né, uma manifestação que repercutiu muito, né? (...) nos iscalões superiores. E o.. E o diretô voltô. A parti disso, os alunos cumeçaram(1) a questioná o próprio (...) movimento

do colégio, né? A relação professor aluno. E parece que eles num... num perceberam,(3) num, viram(1) assim da mesma forma que os alunos tavam(1) colocano ...

Texto 2

... por exemplo, essas novelas que acontece(3) no Rio e São Paulo, geralmente, é(2) levada pra todo lugar do Brasil ...

Texto 3

... a oitenta no carro durmino no volante (...) Acho que foi o maior perigo ... Não eu que tivesse passado e sim eles, que tiveram(3) mais medo que chegaram(1) a virá quase uma vara verde ...

Texto 4

... eu acho que negócio de guerra, isso aí, eles deve(3) cabá cum isso, eles deve(2) fazê muita guerra é de amor ...

Os resultados apresentados numa tabela são analisados pelos autores. “Podemos constatar que há uma forte correlação entre o aparecimento de um verbo marcado e a presença de marcas explícitas no verbo subsequente (0,66). Da mesma forma, podemos verificar que o surgimento de um verbo não marcado provoca a ausência de marca na ocorrência verbal seguinte (0,18). Diferentemente, o fato de um dado verbo ocorrer isolado ou ser o primeiro de uma série não provoca aumento ou diminuição de marcas em relação à média global da concordância. O peso relativo associado ao verbo isolado ou primeiro de uma série (0,48) fica entre os dois extremos. Verifica-se, portanto, que o mesmo efeito detectado no nível clausal se reflete também no nível discursivo” (cf. p. 11).

Os autores concluem a análise afirmando que “os resultados apresentados (...) mostram que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros no nível clausal e no nível discursivo, evidenciando-se indubitavelmente a tendência de formas gramaticais particulares ocorrerem juntas. (...) O comportamento dos sintagmas por nós analisados constitui, portanto, evidência adicional para se levantar a hipótese a respeito da existência de um novo princípio de natureza universal associado ao funcionamento da variável paralelismo formal nas línguas naturais, ao lado de outros universais lingüísticos já conhecidos” (cf. pp. 11-12).

Na perspectiva do modelo de Princípios e Parâmetros, elaborado a partir de Chomsky (1981), Galves (1993) constata que “é nos documentos do século XIX, em particular da segunda metade, que surgem os fenômenos que caracterizam a sintaxe do português falado atualmente no Brasil” (cf. p.387). Para a autora, a partir desse referencial teórico, é possível “interpretar esses novos fatos como decorrentes de mudança paramétrica, isso é, de novo valor atribuído a um parâmetro pelas crianças adquirindo sua língua, originando uma nova gramática” (cf. p. 388).

Analisando o enfraquecimento da concordância no português brasileiro, especialmente com relação ao sistema de pronomes, ela afirma que “... as mudanças morfológicas afetando os sistemas flexionais das línguas estão na origem

de grandes seísmos sintáticos. Nesse sentido, não é de estranhar que a origem do surgimento de uma nova gramática no Brasil esteja numa mudança na concordância”.

Para Kato (1993: 19) “entre os aspectos mais extraordinários do PB estão o progressivo empobrecimento de sua morfologia flexional, o uso extensivo de categorias vazias cuja identificação não pode ser feita através da flexão (...). Por outro lado, mesmo quando a morfologia é capaz de identificar um pronome nulo, é o pronome lexical que se manifesta. O ‘sujeito’, seja como a categoria que concorda com o verbo, seja como tópico, pede realização fonológica”.

Tarallo & Kato (1989: 5) propõem uma linha de investigação, para o estudo do português no Brasil, que “resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista”. Eles defendem um “direcionamento mútuo entre a variação intra- e inter-lingüística, enfim: na harmonia trans-sistêmica” (Idem, pp. 5-6). Para esses autores, a harmonia trans-sistêmica “indica, sob maneiras várias e variadas, o alcance dos resultados e a generalização e poder explanatório das análises via propriedades e/ou probabilidades, todas compatíveis entre si” (cf. p. 6.).

Defendendo o poder explanatório contido nas análises projetadas pela lingüística das probabilidades, os autores afirmam que “uma detalhada análise de levantamento de fatores condicionadores, que, mesmo sem apresentar probabilidades (ou exatamente por isso), demonstra que também o variacionista (isto é, aquele que trabalha com variação intra-lingüística) está interessado em projetar, antecipar e afiançar resultados cujo valor exceda os limites do intra-lingüístico para o universo do inter-lingüístico” (cf. p. 7).

É a partir dos resultados obtidos através de análises variacionistas e/ou de mudança paramétrica que tanto o fenômeno da ordem SVO como o fenômeno da concordância verbal sinalizam para o que está ocorrendo no português brasileiro.

Em nosso estudo sobre a concordância verbal na escrita de narrativas infantis, encontramos evidências de que nós temos, também nesse caso, a concordância verbal como um fenômeno variável, assim como foi demonstrado em estudos anteriores sobre o português falado no Brasil (Naro, 1981); Scherre & Naro, 1991; Scherre & Naro, 1993; Naro & Scherre, 1996; e outros), realizados na perspectiva da Teoria da Variação.

3 INFLUÊNCIA DA REGRA VARIÁVEL DE CONCORDÂNCIA VERBAL NA ESCRITA DE ALUNOS DA 1ª À 4ª SÉRIE DO 1º. GRAU

Os estudos sobre a língua falada já demonstraram que a variação não ocorre de forma aleatória, ela é condicionada por fatores internos à própria língua e/ou por fatores externos (extralingüísticos), o que demonstra o grau de sistematicidade das regras nessa modalidade da língua.

No entanto, é importante considerar, ainda, que formas diferentes de dizer a mesma coisa não impedem a compreensão entre os falantes de uma mesma língua. A compreensão ou a intercompreensão independem da variação utilizada.

Consideramos que a linguagem possibilita não apenas a aquisição de uma língua particular, mas também a interação entre indivíduos que se comunicam, e consideramos, também, que a criança ao entrar na escola já possui o domínio de sua língua materna, pois a mesma fala e entende essa língua, não só em suas relações com outras crianças, mas também em sua relação com adultos, sobretudo no seu mundo mais próximo, o familiar.

Apresentamos a seguir exemplos extraídos de narrativas escritas infantis que foram agrupados segundo os fatores que influenciam (+/-) a aplicação da regra de concordância verbal. Os casos de não concordância estão representados pela marca zero (Ø) à direita da palavra, e os casos de concordância indevida, de acordo com a norma culta da língua, estão representados por um ponto de interrogação (?).

Fatores e exemplos

1) Sujeito imediatamente anterior ao verbo

- (22) Os peixes são pequenos, grandes de todos os tamanhos.³
- (23) Essas crianças não são felizes
- (24) Muitos animais bonitoØ tinhaØ pelo muito colorido⁴
- (25) Eles queriaØ namorar com ela.
- (26) Um certo dia João e Antônio chegouØ ...
- (27) Nós falouØ também sobre (...) nós deviaØ ...
- (28) Agente conversamos(?) falamos(?) de escola ...

2) Sujeito posposto ao verbo

- (29) Todo mundo feliz porque nasceram novas plantas e nova vida.
- (30) Tomavam sol a beira de um brejo uma rã e uma saracura ...
- (31) Come-come era um peixe esperto (...) junto com ele viviam outros peixinhos.
- (32) Como vaiØ nossas escolas?
- (33) ... isso sem falar que faltaØ livros didáticos ...

3) A distância e a posição do sujeito com relação ao verbo

- (34) Nós como todos aqueles envazores também sabe-

mos nos defender e além do mais (nós) temos dentes duros e bons ...

(35) ... essas crianças não são felizes e mesmo que (elas)⁵ se mostreØ feliz ...

(36) ... mais do que nunca precisamos de escolas que⁶ nos dêØ ensino de qualidade

Os dados apresentados acima comprovam o caráter variável da regra de concordância verbal, em narrativas escritas infantis, como podemos perceber, nos três grupos de fatores selecionados.

Retornando às análises apresentadas no item 1, podemos verificar que muitos dos resultados obtidos são comprovados pelos nossos dados, e confirmam, ainda, a concordância verbal como um fenômeno variável, tanto na modalidade falada da língua, quanto na modalidade escrita.

A análise de Bittencourt (1980) apresenta argumentos para a ordem SVO no PB, diferentemente da ordem proposta para o Espanhol, em que VSO é considerada a ordem primitiva. Saraiva e Bittencourt (1990), numa outra perspectiva de análise, apresentam a variabilidade da concordância a partir das construções com SN complexo, tanto na língua falada, quanto na língua escrita. Na perspectiva da Teoria da Variação, Scherre & Naro (1993) mostram como o paralelismo formal desempenha papel central no uso das marcas lingüísticas, no fenômeno da concordância verbal, tanto no nível clausal, quanto no nível discursivo.

As várias perspectivas de análises apresentadas sucintamente acima comprovam que nós temos no português brasileiro (a exemplo do que ocorre com outras línguas românicas) uma regra de concordância verbal. E na gramática do português brasileiro, ela se apresenta como uma regra variável, detectada, em especial, através das marcas visíveis da morfologia flexional, ou através da ausência dessas marcas. E, nesse sentido, as análises variacionistas têm demonstrado quais os fatores lingüísticos e/ou extralingüísticos que interferem no uso dessa variável.

Por outro lado, cumpre destacar que a identificação dessa regra variável (assim como de outras regras variáveis em uso na língua) só tem sido possível através do confronto entre a norma culta da língua e outras normas. Sabemos ainda, que, apesar de algumas teorias lingüísticas não valorizarem uma norma em detrimento de outra, é a língua padrão (ou norma culta da língua) que é tomada como referencial para detectar a(s) variação(ões).

“As línguas diferem umas das outras, pura e simplesmente, e gostaríamos de saber de que maneira diferem. Uma é a escolha dos sons, que variam no interior de um determi-

³ Os exemplos utilizados pertencem ao Banco de Dados do Projeto “A Língua Usada em Alagoas-LUAL”, da Pós-Graduação em Letras da UFAL. Eles foram coletados em escolas públicas da cidade de Maceió por Maria Benedita dos Santos e Ilka de Carvalho Cedrim, de alunos da 1ª à 4ª série do 1º. grau.

⁴ Não consideraremos, no momento, as questões de ortografia lexical.

⁵ O sujeito referencial encontra-se na frase matriz e, na frase encaixada, a sua posição está vazia.

⁶ O termo referencial para a concordância encontra-se na frase matriz e o pronome relativo “que”, não marcado, influencia a não aplicação da regra de concordância.

nado leque. Outra é a associação de som e sentido essencialmente arbitrária. Estas possibilidades de diferença entre línguas são fáceis de ver, e não precisamos nos deter nelas. Mais interessante é o fato de que as línguas diferem nos sistemas flexionais: sistema de caso, por exemplo. Verificamos que estes são muito ricos em latim, ainda mais ricos em sânscrito ou finlandês, mas mínimas em inglês, e totalmente invisíveis em chinês. Ou assim parece; considerações de adequação explanatória sugerem que também aqui as aparências podem ser enganosas, e de fato trabalho recente indica que esses sistemas variam muito menos do que parece quando se olha para as formas superficiais. O chinês e o inglês, por exemplo, podem ter o mesmo sistema de caso que o latim, mas diferir tão somente na sua realização fonética. Além disso, parece que muita coisa da variabilidade das línguas pode ser reduzida a propriedades dos sistemas flexionais. Se isso for correto, então a possibilidade de variação entre as línguas está localizada numa parte diminuta do léxico” (Chomsky, 1997, p. 61).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, V. de (1980) O Considerações sobre as condições sintáticas de posposição do sujeito em português. *Ensaios de Lingüística*. Belo Horizonte, M.G.: UFMG, Ano II, nº 3: 72-86, dezembro.
- CHOMSKY, N. (1997) Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. *D.E.L.T.A.* PUC-SP, Vol. 13, Nº Especial, pp. 49-72.
- CUNHA, C. (1970) *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Guimarães S/A.
- GALVES, C. (1993) O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS & KATO (Orgs) *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- MOURA, D. (1997a) Variação e Discurso. In: MOURA, D. (Org) *Variação e Discurso*. Maceió: EDUFAL, 1997 a .
- _____. (1997b) O Ensino de Língua. Diversidade Lingüística x Diversidade de Textos. In: GREGOLIN & LEONEL (Orgs) *O que quer o que pode esta língua? Brasil/Portugal: O ensino de língua portuguesa e de suas literaturas*. Araraquara, SP: UNESP-Ar.
- NARO, A . J. (1981) The social and structural dimensions of a syntact change. *Language*, 57: 63-98.
- NARO, A . J. & SCHERRE, M. M. P. (1996a) Disfluences in the analysis of speech data. *Language Variation and Change*. v. 8, number 1: 1-12.
- ROBERTS, I. & KATO, M. A . (Orgs). (1993) *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- SARAIVA, M. E. F. & BITTENCOURT, V. de O. (1990) A Concordância Verbal em Estruturas com SN complexo no Português. In: PONTES, E. (Org). *A Metáfora*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- SCHERRE, M. M. P. (1993) Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no Português Popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* PUC-SP, vol. 9, nº. 1.
- SCHERRE, M.M.P. & NARO, A . J. (1992b) The serial effect on internal and external variables. *Language Variation and Change*. Volume 4, number 1: 1-13.
- _____. (1991c) Marking in discourse: “Birds of a feather”. *Language Variation and Change*. Volume 3, Number 1: 23-32.
- _____. (1993d) Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* PUC-SP, Volume 9, nº 1: 1-14.
- TARALLO, F. & KATO, M. *Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e interlingüística*. Campinas, SP. Preedição-5.